

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CURSO DE POS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA DA EJA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA :JUVENTUDES PRESENTES NA EJA

Projeto: “Espaços de Interações Transformam as Relações”

Ângela Santiago Lima Apolinário

Na tentativa de compreender como ocorrem as interações juvenis entre os jovens da Escola Municipal Benvinda Pinto Rocha fez-se necessário observar diariamente seu comportamento nos intervalos, nas salas de aula, na hora da Educação Física e nos corredores da escola.

Em minhas observações pude ouvir comentário recorrente, como: “é difícil trabalhar com alunos que ignoram os mais velhos, se recusam a realizar atividades individuais e coletivas e se divertem em grupos de provocações, agredindo colegas e impossibilitando as aulas, além de outros com a autoestima tão baixa que rejeitam tarefas achando que não aprenderão mesmo”.

Para os educadores os alunos não tiveram educação da família e, por isso deixaram a situação insustentável dentro da sala de aula.

No corredor, a situação se repete, eles fazem barulho, são indiferentes a outros alunos que realmente vieram para estudar.

Querem tudo ao mesmo tempo, parecendo que, se não fizeram aquilo que desejam parece que o tempo está para acabar.

Dentro de sala, não têm paciência de ficarem sentados assistindo à aula do educador. Falam alto, o que faz com que sem alternativa os professores utilizem como solução imediatista retirá-los de dentro da sala para que os outros possam fazer seus trabalhos.

São várias as questões, inclusive a infrequência. Muitas vezes é preciso firmar com a família um compromisso de corresponsabilidade e discutir as regras e as infrações para que as transgressões possam tornar-se menos frequentes

Há, no entanto, muitos casos que merecem atenção. Por ser uma escola municipal situada em uma região de risco, no Bairro Jardim Canadá, muitos desses jovens que ali estudam, 45% vieram do interior de Minas, 36% da região Nordeste

(Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará), 19% da Região Metropolitana. Vieram morar no bairro Jardim Canadá com a esperança de uma vida melhor.

Muitos desses jovens vieram para o Jardim Canadá deixando seus familiares em busca de um emprego para ajudar seus familiares.

Esses jovens trazem para a escola carências de descaso e sequelas de maus-tratos como mostro nos exemplos seguintes:

Um jovem de 15 anos estava para ser enviado ao Conselho Tutelar por brigas diárias com quem o provocasse e sua família, indiferente à situação, disse que estava desistindo dele.

Uma garota de 17 anos que viera do interior já com um filho nos braços tinha faltado às aulas por duas semanas sem com que sua família pudesse fazer algo por não morar com ela.

Outra jovem havia brigado com a mãe, pois a família não a deixava namorar com um jovem também estudante da escola por ser separado.

A diversidade é muita, visto é que o convívio entre eles às vezes trazem comportamentos que precisam ser analisados e repensados para que as relações entre seus pares possam estabelecer de forma harmoniosa dentro da escola.

Já no pátio, o processo ocorre nesse ir e vir constante das ondas das dinâmicas de relações.

Sendo a interação um processo em que ocorre entre o grupo de pares, eles se juntam, jovem com jovem, em busca de satisfazer laços afetivos, conversam em razão de alguma coisa.

Fazem amizade, e essa turma de amigos faz dos momentos de encontro do grupo um complexo jogo de negociações entre posturas, valores e visões de mundo, o que faz com que eles construam uma identidade coletiva e que não aceite a individualidade.

É o que diz Dayreel (2005 p. 185), sobre a conversação: “ para os jovens é muito importante esse convívio, o trocar de ideias por ser um exercício de razão comunicativa e que pode ser mais significativa quando eles encontram espaço de diálogo além do grupo de pares.”

O que fica evidente, para que haja um bom convívio é preciso que haja convívio, o que, por mais óbvio que pareça nem sempre ocorre, pela diversidade ali existente.

Na hora que eles reúnem-se no intervalo brincam, falam alto, e muitas vezes até jogam bola. Querem divertir-se e é aí que as interações entre eles acontecem

realmente cada qual com sua intencionalidade.

Alguns querem jogar bola, outros querem conversar, outros querem namorar. O espaço vira uma explosão de relacionamentos.

O que resta é uma relação de competição entre alunos e de recíproca cobrança entre eles e os professores.

Quando o convívio participativo for exercido nas salas de aula e em atividades de sentido social, artístico, o aprendizado se dá em um processo cooperativo o qual as relações de confiança e amizade estabelecem em harmonia. Mas, isto só acontece se a atividade educativa promover a convivência de toda escola e da juventude.

E ao discutir a responsabilidade de cada um com as regras e os combinados de convívio para as interações sejam exercidas com tranquilidade, essas regras não são ignoradas, a convivência não se limita a queixas de comportamento e o exercício de autoridade, quando bem explicadas, essas regras são bem compreendidas.

Mas, para que essa participação prossiga ao longo do semestre é preciso fazer consultas, pesquisas, conflitos e rever percursos sempre.

Conclui-se que o ponto positivo desse projeto “Espaços de interações transformam as relações” é que as relações estabelecidas no grupo criaram possibilidades de uma maior interação entre eles e ao mesmo tempo mostrar a necessidade de rever as regras de conduta dos mesmos, ou seja, levá-los a reconhecer que todos têm sua cultura e que devem ser respeitadas.

1. INTRODUÇÃO:

A temática “Interações Juvenis” é o foco principal desse artigo Com a Juvenização da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal” Benvinda Pinto Rocha”, da cidade de Nova Lima e o estado de Minas Gerais.

Na tentativa de compreender como ocorrem as interações entre eles, fez – se necessário observá-los diariamente, seu comportamento nos intervalos, nas aulas de Educação Física, no pátio e nos corredores da escola.

Os jovens aqui pesquisados são de 15 a 24 anos, migrantes; sendo 45% do interior de Minas Gerais, 36% da Região Nordeste, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará), 19% da Região metropolitana, que vieram morar aqui no bairro do Jardim Canadá com esperança de uma vida melhor.

São várias as teorias para abordar o problema estudado. uma dessas teorias diz respeito a relação comportamental que estabelece no espaço escolar, uma vez que esses aspectos, estão diretamente relacionados ao processo de desenvolvimento social do jovem.

Sendo a interação um processo em que se dá com o grupo de pares, a sua elaboração, pressupõe relações concretas que envolvem o jovem com jovem,o jovem com o professor, o jovem com a escola, assim, como fatores afetivos, aí desenvolvidos.

O indivíduo se constitui na relação com o outro, o que requer do jovem estabelecer formas de comunicação com o outro, conversam em razão de algum conteúdo que queiram comunicar.

A interação, o falar torna – se o próprio fim e o assunto é só o meio para à troca de palavras.

Segundo Dayrrel (2005 p.185), a conversação assume para os jovens um papel muito importante, o “ trocar idéias” é de fato um exercício da razão comunicativa, ainda mais significativo quando encontram espaço de dialogo além do grupo de pares.

Simmel em Dayrell(2005 p.185),considera a interação como forma de jogo sociação. Para ele, quando se fala em jogo, está implícita a idéia de um ir e vir constante,”o jogar das ondas”, o que reforça suas dimensões de dinâmica de relações.

Diante das leituras realizadas foram abordadas as seguintes questões norteadoras:

- Quem são esses jovens que vieram estudar na Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal “ Benvinda Pinto Rocha?
- Como fazem para interagirem entre eles?

O presente artigo pretende abordar as interações juvenis, como ocorrem para melhor compreender esses jovens que estão dentro do contexto escolar.

1.1 METODOLOGIA:

Para elaboração deste artigo foram utilizadas várias referências bibliográficas de autores que aprofundaram neste assunto, assim como depoimentos de alunos.

2. DESENVOLVIMENTO:

2.1 – CONCEPÇÃO DE INTERAÇÃO:

No que tange ao tema, “Interações Juvenis” é de suma importância, à análise das concepções de interação para melhor compreensão de como os jovens estabelecem sua relação com o outro para em seguida verificar a dimensão em que essas interações os envolvem e os mobilizam e as expressam em seu comportamento.

São varias concepções que temos sobre interação mas nesse momento, deve-se ater à noção de interação que esta associada à noção de sociabilidade que esta associada a idéia de estabelecer laços e esses laços têm em si mesmo sua razão de ser.

A palavra interação é apresentada no dicionário como ação mutua entre duas partículas ou dois corpos ,,(“sociável”), que se pode associar, que gosta de viver em sociedade, e que é dado à vida social; tendência para a vida em sociedade.(dicionário do professor, 2000 p.6). Esta definição marca ênfase: a tendência a se associar, o que reforça o contexto de uma sociedade possível.

Para entender possíveis sentidos que a interação pode adquirir para os jovens, vamos nos remeter a Simmel(1983) em Dayrell(2005 p.183) tentando compreender a dimensão do conceito de interação no contexto de sua obra.

Adotaremos a perspectiva da sociologia Simmeliana, o conceito de interação é central. O ponto de partida de acordo com Dayrell(2005p.184) é dada pelas interações entre pessoas e pessoas, do encontro e das relações entre vários átomos da sociedade.

Dayrell afirma ainda que a sociedade é interação, aparecendo como em conjunto de retículos interativos por meio dos quais os indivíduos entram em comunicação.

Percebe-se no campo da sociabilidade, os indivíduos se satisfazem criando laços, e ao interagirem vivenciam sua irrealdade a expressão simbólica de realidade na qual se inserem.

A relação entre eles responde as suas necessidades de comunicação, de trocas afetivas e principalmente de identidade facilitando com que a escola tenha uma visão Maior em relação ao seu comportamento.

Eles estabelecem nas relações com os grupos de pares uma sociação e que implica um “jogar junto”, o que vale é a relação, que cada qual deve oferecer o máximo de si para também receber o Maximo do outro.

Como se trata de um “ jogar junto”, o jovem deve sentir que pode contar e confiar no outro, respondendo as expectativas mútuas.

Quando as regras são rompidas, facilmente surgem outras relações.

Para Simmel em Dayrell (2005 p.186). A sociabilidade não poderia oferecer nenhuma liberação, alívio ou serenidade se não apresentasse, de forma sublinhada,todas as tarefas e toda a seriedade da vida.

Percebe-se que esses jovens que estão aqui na escola formam sua interação nesse ir e vir constante das ondas da dinâmica de relações. O que lhes permitem diminuir a distância entre a vida cotidiana e as imagens que vem da sociedade, funcionando como uma instancia de mediação.

O que fica evidente, que as relações são marcadas pela solidariedade, um dando força moral ao outro quando necessário. Eles fazem amizade. E essa turma de amigos faz com que momentos de encontro do grupo constitui um complexo jogo de negociações entre posturas, valores e visões de mundo, onde se constrói uma identidade coletiva que não aceite as individualidades.

A freqüência em torno de suas bicicletas, falando sobre futebol, namoradas, faz com que criem referência de espaço de interação, envolvimento e zoações.

2.2 – O JOVEM E A ESCOLA

Eles chegam animados com o seu fone nos ouvidos, falam alto e até mesmo puxam uns passinhos da musica que estão ouvindo. Se agrupam em torno de suas bicicletas e começam a conversa. Falam de futebol, namoradas, trocam idéias sobre o conteúdo que querem comunicar.

Para Dayrell (2005 p. 185) “A conversação assume para os jovens um papel importante, “o trocar idéias” é de fato um exercício de razão comunicativa, ainda mais significativa quando encontram poucos espaços de diálogo além do grupo de pares”.

Sobre a questão que envolve os sentimentos em relação à escola, os jovens fizeram o seu próprio julgamento. 65% informações experiências de ensino e aprendizagem; 35% concordam que é na escola que aprendem matérias e desenvolvem os seus saberes.

Em relação ao espaço da escola que mais se identificam de forma geral, os mesmos responderam: que o pátio e os corredores são os locais em que mais gostam de jogar, brincar e conversar com os amigos.

Segundo Dayrell(2003 p. 233), “ para os jovens o espaço oficial do recreio: o pátio bem como os corredores, têm valores simbólicos muito importantes”. É no pátio que eles interagem com os colegas e se divertem da maneira que quiserem. Trata-se aliás, do único momento em que podem conversar com os amigos.

Eles se juntam em redes sociais plurais fazendo desse local um momento de transformações corporais e afetivas e de construção de identidade no qual a turma de amigos cumpre papel significativo na construção da subjetividade positiva.

Perguntado sobre o que se pensa da escola, Michael, aluno do segundo segmento em seu depoimento diz:

“A escola é um lugar que tenho a oportunidade de conversar com meus sobre colegas notas, namorada e sobre o meu trabalho. Gosto de vir para a escola, pois quero vencer na vida.”

Ao conversar com o aluno Wesley, foi possível perceber que a escola para ele tem significado importante. Ela é um investimento para o futuro. E ao esforçar para tirar o diploma, poderá ser recompensado pelos esforços realizados.

Mariana, aluna do segundo segmento, diz em seu depoimento em relação à escola:

“Converso sobre coisas do dia-a-dia, trabalho, orkut, computador, MSN. É na escola que da para conversar com meus colegas por causa que não tenho tempo, trabalho muito.”

Nas falas dos alunos: Wesley e Mariana ficou claro, que eles tem consciência de que freqüentar a escola abrirá portas para o mercado e que sem o diploma suas opções de trabalho ficarão restritas. È estando na escola que, aumenta a suas redes de relações.

Mas, nem todos os alunos pesquisados pensam que a escola é um lugar para o ensino aprendizagem. Fábio ,em seu depoimento “sinto vontade de ser boa pessoa,mas, ficar dentro de sala é muito chato,é por isso ,que gosto de ficar fora de sala,e falto muito,né?

Para o aluno, a escola é um lugar que se forma pessoas boas, porém, não a acha atrativa. O que deixa evidente em seu depoimento que não ocorre uma relação de proximidade entre aluno e escola.

Para Wesley, da 8ª série, a vinda dele, a escola é só para agradar a sua mãe. Ele deixa claro: “não gosto de estudar. Venho à escola só para agradar a minha mãe. Ela, né, é muito boa para mim. É uma pessoa de valor. Vou tirar o diploma da oitava série e pronto”.

Quando questionado em relação a não continuar estudando, o mesmo disse: “não precisa estudar muito para ganhar dinheiro. Existem diversos tipos de trabalho, que conheço, que não há necessidade, de estudar, estudar, estudar né!”.

O aluno deixou claro em seu depoimento que a escola para ele, tem um valor secundário e que pouco contribui para a sua inserção social. Nesse momento é percebido que o jovem vive um momento conturbado em relação à escola. Não consegue ver a escola como espaço de interação. Ele traz em seu depoimento magoas do passado que até hoje não se libertou.

Ele continua afirmando:

“Eu nunca gostei da escola, porque nunca aprendi matemática. Sempre tive dificuldade em fazer amigos”.

O aluno Danilo afirma... “eu gosto muito de conversar no pátio da escola, aqui eu conheço mais amigos e divirto com meus amigos da maneira que eu quero.”

Segundo Dayrell (2003:233) para os jovens, o espaço oficial do recreio: o pátio, bem como os corredores têm valores simbólicos muito importante.”

É ali que eles interagem com os colegas e se divertem da maneira que quiserem. Trata-se alias do único momento em que podem conversar com os amigos, comer um lanche ou ficar paquerando.

Percebe-se na fala do aluno Danilo, sua razão de está presente à escola e na autoconfiança que ele tem em conquistar mais amigos e divertir com os colegas e assim, ter um referencial para poder interagir entre eles. Para Simmel (1983:179)

”o grupo significa um espaço de aprendizagem e de aprimoramento pessoal, um dos poucos coletivos em que há aprendizagem de relações de confiança coletiva”

Dentro da sala de aula alguns educadores e também alunos mais idosos parecem convencidos de que vieram para perturbar e desestabilizar a ordem escolar.

Outro sentem vontade em aprofundar processos de interação mas, reconhecem seus limites para despertar o interesses desses que apresentam como cidadão diferente ,em sala de aula.

Esses jovens estão dentro da sala, falam alto, querem algo diferente do que estão recebendo. Questionam o espaço da sala de aula, as carteiras e o modo que estão recebendo o conteúdo.

Educadores ficam de mãos atadas, acham que não tem razão pelos questionamentos. Sentem desestabilizados diante do comportamento emitido por eles. Querem, mais e mais.

Eles formam grupos de acordo com suas experiências sociais, facilitando assim as suas relações interpessoais entre educando e educador com demais funcionários da escola.

2.3 - A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM.

Para enfrentar o desafio da presença do jovem na EJA, foi produzido espaços culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeito jovens .

Toda Quarta-feira à escola realizava um projeto chamado “Espaço de convivência”. Espaço esse, de filme, gincana, palestra de acordo com as reais

necessidades de aprendizagem e interação desses sujeitos com as quais estamos comprometidos. Para Freire em Dayrel I(2005 p.188):

O processo educativo dos jovens deixaria de ser visto apenas como escolarização e assumiria toda radicalidade da noção de diálogo.

Nos espaços da EJA os sujeitos são diferentes e ainda que existam sujeitos com perfis similares é preciso estar atento para as trajetórias de vida que sempre são singulares e portadoras de potencialidades, que podem ou não se revelarem de imediato.

Na ótica do aluno Gabriel, da 7 série: "A escola deveria colocar mais dias para a gente assistir filmes. Os filmes e as palestras são importantes para nós aprender; né? "

No dia desse projeto, os alunos se encontravam no pátio. A relação entre os jovens e adultos eram mais próxima, por fazer parte da mesma sala. Mas, a interação entre eles eram um pouco distantes, em razão da idade e dos interesses diferenciados. O que trazia preocupação aos educadores, essa falta de interação, pois exigia uma postura mais firme deles não deixando que os jovens se envolvessem em brincadeiras e zoações, que aconteciam, no cotidiano.

De acordo com a D. Maria Helena uma senhora da 1ª série: "Eles fazem barulho, mas acima de tudo o que a gente tem é uma amizade".

Os encontros no espaço de convivência eram a oportunidade para trocar idéias, saber das novidades, principalmente praticar o exercício da escrita e a atenção que pode nos lançar para o plano dos afetos, das trocas culturais e do compromisso político entre sujeitos de diferentes experiências e idades. Palestras, filmes, gincana do saber eram estratégias adotadas pela escola para mantê-los ali por muito tempo.

Mesmo a escola assumindo um papel positivo na vida desses jovens, ela não consegue mantê-los presente por muito tempo. Eles desligam, abandonam novamente a escola. De acordo com os Pais (2003:20) a escola apesar de ser um espaço onde o jovem pode gostar de estar presente, ainda não reconhece as culturas juvenis como possibilidade de inclusão e transformação.

Um dos grandes desafios passou a ser a construção de projetos que estimule nossos alunos a se sentir incluído dentro do espaço escolar.

2.4 – A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO PARA A JUVENTUDE

O envolvimento entre jovens e jovens, faz com que a relação entre escola e juventude, seja transformada em um ambiente prazerosos e significativo, comprometedor. Seja, pautado na democracia, no diálogo e na construção de conhecimento. Para Simmel, (20 p .179)

A sociabilidade é um símbolo da vida quando a vida surge no fluxo de um jogo alegre e fácil, ela é, contudo um símbolo da vida. (...) não importa o quão longe esteja de qualquer cópia da realidade, alimenta-se de uma relação profunda e leal como esta realidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou levantar dados a partir do comportamento desses jovens e a interação entre eles.

Problematizar as interações juvenis fez com que eu e a escola tivéssemos acesso a dados importantes sobre a juventude que não eram de nossos conhecimentos. Não conhecíamos a realidade dos jovens alunos, suas atitudes e desejos. Ficou claro que a escola como um espaço educativo tem um papel fundamental. Possibilitar entre outras coisas, a convivência com a diversidade, onde os jovens têm a possibilidade de descobrirem-se diferentes dos outros e principalmente aprender a conviver respeitando estas diferenças.

Conclui-se que os jovens que estão na escola são portadores de culturas diversas e apresentam conflitos de valores e a escola, como espaço educativo, pode-se promover “projetos” o qual o aluno possa exercitar relações coletivas, convivendo com as diferenças, desenvolvendo suas potencialidades no momento de vida em que se situa.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAYRELL, Juarez. De olho na escola: as experiências educativas e a escola na ótica.

_____. Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte> Editora UFMG, 1996.

_____. SPÓSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. Revista USP. Seção textos nº 57, pp. 2010-26, mar./mai, 2003.

_____. SIMMEL, Georg. Sociabilidade, um exemplo da Sociologia pura ou formal. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.

RIBEIRO, Eliane Andrade. A educação de jovens e os jovens do “último turno”: produzindo outsiders. Faculdade de Educação da UFF/Eliane Ribeiro Andrade. Niterói, 2004. Tese de doutorado. 228p.

Anexos>

Título: Proposta de implantação de Projeto de prática esportiva na Escola Municipal Benvinda Pinto Rocha

Objetivo: Apresentar a proposta de implantação do Projeto “Prática esportiva da EJA” para a diretora da Escola Municipal Benvinda Pinto Rocha.

Cronograma

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Levantamento e diagnóstico	x				
Questionário	x				
Tabulação de resultados	x				
Confecção do ofício	x				
Marcação de agenda	x				
Elaboração da proposta		x			
Aprovação da proposta pela diretora	x	x	x		
Efetivação do projeto			x	x	x
Avaliação			x		
Entrega do trabalho					x